

# O Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina e o trabalho com o patrimônio arqueológico: possibilidades e desafios\*

*Mirian Carbonera\*\**  
*André Luiz Onghero\*\*\**  
*Denise Argenta\*\*\*\**

## Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar possibilidades e desafios identificados pelo Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM/Unochapecó) em relação ao patrimônio arqueológico na região oeste de Santa Catarina, Brasil. Organizado em três partes: procura inicialmente relatar sucintamente a trajetória das pesquisas arqueológicas realizadas na região; em seguida, aborda a constituição do CEOM e suas frentes de atuação; por fim, discute as possibilidades e desafios encontrados no trabalho com o patrimônio arqueológico no oeste catarinense.

**Palavras-chave:** CEOM/Unochapecó. Patrimônio arqueológico. Oeste catarinense.

## **Introdução**

Durante algumas décadas, os resultados das pesquisas arqueológicas realizadas no oeste catarinense raramente retornavam à região, deixando uma lacuna sobre a história do período pré-colonial. Na década de 80 do século passado, dois acontecimentos passam a dar visibilidade ao patrimônio arqueológico regional: em 1980, teve início um projeto de arqueologia consultiva, denominado Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai (PSAU), e, em 1986, ocorreu a criação do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM), atualmente mantido pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). Nos últimos anos, a grande incidência de obras de impacto ambiental, associadas à necessidade de realização de estudos arqueológicos, possibilitaram o aumento de pesquisas e sua consequente popularização, em especial com a publicação da portaria 230/2002 do IPHAN. Mas ainda existem muitos desafios à efetivação da legislação, especialmente em relação à salvaguarda dos acervos, à dificuldade de diálogo entre órgãos oficiais, empreendedores e instituições de guarda. Outro grande desafio é a preservação dos sítios arqueológicos, uma vez que a comunidade local, formada por uma diversidade étnica – índios, caboclos, descendentes de alemães, italianos, teuto-russos e poloneses –, não reconhece esses bens como patrimônio. Nesse sentido, como trabalhar os vestígios arqueológicos para que deixem de ser considerados velharia inútil, para se transformarem em patrimônio caro à população local? A partir desse questionamento, apresentamos a experiência do CEOM nesse campo, com as singularidades e os percalços de se abordar os vestígios arqueológicos regionais como patrimônio coletivo.

## **Contextualizando as pesquisas arqueológicas no oeste de Santa Catarina**

Desde o século XIX e, especialmente, na primeira metade do século XX, quando colonizadores europeus e seus descendentes se instalaram no oeste catarinense, foram encontrados vestígios

arqueológicos, alguns deles registrados por meio de fotografias. Parte desses vestígios formaram coleções particulares que, a partir da década de 1970, foram motivadores para a criação de museus que se constituíram a fim de salvaguardar esses acervos. Outra considerável parcela desses artefatos foi vendida e/ou entregue a colecionadores ou simplesmente se perderam com o tempo, devido à ausência de políticas de salvaguarda e de informações sobre a importância desses bens.

Já em meados do século passado tiveram início as primeiras pesquisas arqueológicas realizadas por autodidatas, seguidas por pesquisas vinculadas ao Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (Pronapa), realizadas entre 1965 e 1970. Os principais dados publicados nessa época foram Schmitz (1957), Rohr (1966, 1968) e Piazza (1969, 1971). Desde o final da década de 1970, houve um aumento do número de pesquisas devido à grande incidência de obras de impacto ambiental, associadas à necessidade de realização de estudos arqueológicos nas diferentes fases do licenciamento ambiental. Estas obras atingiram boa parte dos rios que compõem a bacia do rio Uruguai. (CARBONERA, 2008, 2009, 2010, 2011; CALDARELLI; LAVINA, 2011).

Com base nos dados levantados ao longo desses anos, sabe-se que a ocupação da região teve início com sociedades de caçadores coletores no limite Pleistoceno/Holoceno. A análise da cultura material desses sítios tem reforçado a tradição Umbu e indicam que as populações de caçadores coletores dessa tradição seriam as primeiras a ocupar a região, eram portadores de um conjunto de pequenos artefatos de tecnologia bifacial produzidos através da técnica unipolar (HOELTZ & BRÜGGEMANN, 2011, p. 127). Estes grupos são pouco conhecidos se comparados aos agricultores ceramistas do Holoceno tardio. Em seguida, existe um lapso temporal difícil de documentar, que se estende do Holoceno médio ao tardio, quando chegam os grupos agricultores Guarani e Itararé-Taquara. Estes chegaram na região há aproximadamente mil anos AP. Destaca-se nesse contexto a importância do rio Uruguai para a colonização no período pré-colonial, bem como as dezenas de sítios, especialmente Guarani,

sobre os quais dispomos de um número maior de informações se comparados aos grupos Itararé-Taquara (CARBONERA, 2013).

As sociedades agricultoras ceramistas são conhecidas especialmente pelas cerâmicas produzidas e pelos tipos de sítios. Os Guarani deixaram grandes sítios arqueológicos, às margens do rio Uruguai, com estruturas de fogueiras, sepultamentos, material cerâmico e lítico; a cerâmica com diferentes formas e tamanhos, algumas chegando a mais de um metro de diâmetro e uma variedade de tratamentos de superfície, especialmente alisados, pintados, corrugados e unglados. Os sítios Itararé-Taquara, normalmente, localizam-se em afluentes do rio Uruguai, em regiões com mais de 600 metros de altitude. Apresentam material cerâmico de tamanhos menores, com acabamentos de superfície simples ou incisões, como ponteados, incisos, impressões etc.

## **O Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina e sua relação com o patrimônio arqueológico**

Na década de 1980, dois acontecimentos passam a dar visibilidade ao patrimônio arqueológico<sup>1</sup> regional: em 1980, teve início um projeto de arqueologia consultiva denominado Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai (PSAU) e, em 1986, a criação do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM/Unochapecó).

O Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai foi um amplo projeto de arqueologia consultiva desenvolvido em diferentes etapas, entre as décadas de 1980 e 1990, sob a coordenação da arqueóloga Marilandi Goulart. A área de abrangência do projeto atingiu o rio Uruguai desde sua formação, na junção dos rios Pelotas e Canoas, até o município de Itapiranga, divisa do Brasil com a província de Misiones, na Argentina. Os projetos eram financiados pelas Centrais Elétricas do Sul do Brasil S.A. (Eletrosul), na época empresa responsável pela construção das usinas hidrelétricas e termoelétricas no Sul do Brasil. Na década de 2000, o material resultante desse projeto foi repatriado para Erechim-RS e passou a se chamar *Acervo Marilandi Goulart*. A partir disso, a Arqueologia do oeste catarinense e alto Uruguai

ganhou novo impulso (ver CARBONERA, 2008, 2011; GOULART, 1997).

O Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste iniciou suas atividades em 1986, como um programa de pesquisa e extensão da Fundação Universitária do Desenvolvimento do Oeste (Fundeste), atualmente mantenedora da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). Os princípios norteadores afirmavam, desde o início, a atuação do CEOM como instrumento no processo de desenvolvimento da região oeste, aliando ensino, pesquisa e extensão.

Um dos principais objetivos do CEOM quando de sua criação era salvaguardar a história e a pré-história do oeste catarinense. Atualmente, tem como missão: “Salvaguardar acervos arqueológicos, documentais, bibliográficos, sejam eles materiais e imateriais, e realizar pesquisa e extensão universitária em Patrimônio Cultural, Memória, História, Arquivologia, Arqueologia e Museologia.” (CENTRO DE MEMÓRIA DO OESTE DE SANTA CATARINA, 2012).

De acordo com as diretrizes da instituição, os acervos salvaguardados, as pesquisas e as atividades de difusão procuram dar visibilidade às diferentes nuances de uma história que está em contínuo processo de resignificação e construção, no qual atuam diferentes sujeitos históricos e grupos sociais: caboclos, povos indígenas Kaingang e Guarani, descendentes de italianos, alemães, poloneses, teuto-russos, entre outros.

No presente, o CEOM está organizado em seis frentes de trabalho articuladas entre si:

- **Centro de Documentação e Pesquisa:** recupera, organiza, preserva e disponibiliza acervos e coleções documentais;

- **Divulgação Científica e Cultural:** divulgação de trabalhos científicos e culturais desenvolvidos e/ou organizados pelo CEOM, por meio da revista *Cadernos do CEOM* (revista temática semestral), da Série Documento (publicação sem periodicidade que divulga inventários, fontes históricas e manuais técnicos sobre Patrimônio Cultural) e das linhas editoriais História e Patrimônio e Histórias Locais. Totalizando mais de cinquenta obras publicadas;

- **Biblioteca Setorial:** seleciona e disponibiliza obras de referência sobre história, geografia, antropologia, arqueologia, sociologia, produção literária da região oeste de Santa Catarina e agrega as obras de apoio aos trabalhos específicos do Centro;

- **Núcleo de Difusão Cultural e Educação Patrimonial:** desenvolve e implementa programas de ação educativa continuada e ações de comunicação e difusão dos acervos salvaguardados pelo Centro, tais como exposições temáticas de curta e de longa duração ou itinerantes e, a partir delas, estimula o debate e a reflexão sobre questões regionais, cultura, memória e patrimônio cultural;

- **Núcleo de Estudos Etnológicos e Arqueológicos:** realiza pesquisa de campo, curadoria de acervos, salvaguarda, guarda, preservação e divulgação do patrimônio arqueológico da região oeste de Santa Catarina;

- **Programa Patrimônio-História-Comunidade:** desenvolve, junto aos municípios e/ou entidades interessadas, atividades de valorização da História Local e do Patrimônio Cultural, como pesquisas históricas, produções audiovisuais, produção textual, organização e museus e casas de memória, entre outros.

Da década de 1980 até o presente, é possível identificar uma gama de mudanças no cenário cultural regional. Notadamente, uma maior sensibilidade à valorização do patrimônio cultural regional. A contribuição do CEOM para a melhora desse quadro foi determinante e se deve especialmente ao trabalho continuado de salvaguarda de fontes históricas e pré-históricas, à promoção e realização de pesquisas relativas aos processos de constituição da região e à difusão do conhecimento produzido por meio da realização de seminários, cursos, exposições; ações educativas e publicações. Tudo isso sempre buscando aproximar a comunidade regional da sua história, dos seus valores e expressões culturais.

A criação do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM/Unochapecó) está bastante relacionada ao Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai (PSAU), já que os intelectuais responsáveis pela criação do Centro estavam atentos a problemática dos patrimônios, que seriam impactados com a efetivação dos

empreendimentos hidrelétricos no alto Uruguai, na década de 1980. Por isso, na sua criação em 1986, o Centro tinha como objetivo principal: preservar e salvaguardar os bens referentes a pré-história e história do oeste catarinense<sup>2</sup>. Porém, por mais de 15 anos as atividades do CEOM em relação ao patrimônio arqueológico podem ser consideradas ações pontuais, como realização de palestras, exposições, registro de alguns sítios, guarda de pequenas coleções, entre outras. Foi somente com o debate sobre guarda e gestão do patrimônio arqueológico iniciado em 2001, em decorrência do repatriamento do *Acervo Marilandi Goulart* (que reúne os materiais das diferentes etapas do Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai), que o Centro de Memória retoma a ideia de intensificar as atividades relativas ao patrimônio arqueológico no oeste catarinense.

### **Possibilidades e desafios em relação ao patrimônio arqueológico no oeste catarinense**

O oeste catarinense apresenta características bem marcadas no tocante ao patrimônio arqueológico. Trata-se de uma região de ocupação colonial bastante tardia – o processo de colonização oficial teve início somente após o final da Guerra do Contestado, em 1916 – mantendo forte vínculo com as regiões de imigração. Questões como identidade e memória regional ainda estão vinculadas às colônias de origem, em geral do Rio Grande do Sul ou a um referencial europeu idealizado. Desse modo, os vestígios arqueológicos são compreendidos como alheios e estranhos à memória local. São vestígios considerados, *a priori*, como memórias de um grupo que não diz respeito à população. Essa visão, entre outros fatores, tem contribuído para a depredação e destruição de sítios e vestígios arqueológicos.

Além disso, o alto número de pesquisas de arqueologia consultiva que se por um lado podem trazer informações sobre sítios que talvez nunca seriam pesquisados, trazem por outro lado uma série de desafios à gestão desses bens. Dentre os mais recorrentes, identificamos pesquisadores nem sempre comprometidos;

fragilidades nas pesquisas de campo e laboratório que não utilizam métodos adequados dificultando novos estudos e, principalmente no caso do CEOM, dificuldades em dialogar com empreendedores sobre as necessidades no momento da salvaguarda das coleções advindas de projetos de arqueologia consultiva. Somam-se a essa lista as dificuldades de acesso a recursos de editais de fomento devido ao caráter de instituição comunitária<sup>3</sup>, que é entendida como privada.

Nesse sentido, relacionamos na tabela a seguir as possibilidades e desafios em relação às atividades com o patrimônio arqueológico.

Tabela 1 – Possibilidades e desafios do CEOM em relação ao patrimônio arqueológico

Possibilidades	Desafios
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Grande número de sítios na região;</li> <li>• Grande número de coleções arqueológicas em museus;</li> <li>• Aumento de iniciativas com enfoque na preservação do patrimônio arqueológico;</li> <li>• A temática passou a ser mais explorada em disciplinas universitárias;</li> <li>• Produção de novas pesquisas e possibilidades de novos projetos de longa duração para detalhar a história das populações pré-coloniais;</li> <li>• Consolidação da legislação de salvaguarda, promoção e comunicação dos bens culturais de natureza material no Brasil.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Avançar na sensibilização da comunidade que vive em áreas e/ou proximidades de conflitos com terras indígenas visando a preservação dos sítios e vestígios;</li> <li>• Alto número de empreendimentos desenvolvimentistas;</li> <li>• Criação/modernização/potencialização de instituições de salvaguarda regionais com apoio do IPHAN;</li> <li>• Avançar na relação entre IPHAN, instituições de salvaguarda e empreendedores;</li> <li>• Aperfeiçoar a legislação, especialmente no que diz respeito ao inciso 8, Artigo 6º, da portaria 230/2002;</li> <li>• Ampliação e consolidação de programas e editais de incentivo e auxílio a instituições de salvaguarda de patrimônio arqueológico;</li> <li>• Estimular programas de formação continuada para professores/multiplicadores;</li> <li>• Produção e distribuição de material educativo sobre o patrimônio arqueológico.</li> </ul>

Mesmo em meio a tantos desafios, o Centro de Memória do

Fonte: elaboração dos autores.

Oeste de Santa Catarina tem desenvolvido um trabalho contínuo



e abrangente de sensibilização, valorização e estímulo ao reconhecimento dos vestígios arqueológicos como parte da memória histórica e sociocultural. A proposta de trabalho da instituição tem por finalidade:

- a) realizar pesquisas e salvaguardar o patrimônio arqueológico;
- b) difundir o conhecimento produzido sobre os modos de vida das sociedades anteriores ao processo colonizatório empreendido no século XX;
- c) estimular os estudantes e a comunidade a rever concepções arraigadas e preconceituosas relacionadas às sociedades indígenas pretéritas e contemporâneas.

Ao longo dos últimos 10 anos, com a intensificação das atividades do CEOM no campo arqueológico, por intermédio da consolidação de um laboratório e reserva técnica de arqueologia, do acompanhamento e da realização de pesquisas e da formação continuada da equipe técnica, o Centro tem se consolidado como referência para instituições de pesquisa e salvaguarda do patrimônio cultural do oeste catarinense e do noroeste gaúcho. Por outro lado, é notável a ampliação contínua tanto para salvaguarda de coleções arqueológicas como também pela demanda por atividades educativas. Nesse sentido, tomamos emprestadas as palavras do filósofo e historiador alemão Jörn Rüsen que afirma:

O passado é bastante singular: já passou e, no entanto, ainda está presente. O que aconteceu está naturalmente acontecido, mas ainda assim não nos damos por satisfeitos. Incessantemente, pomos-nos a rememorar o passado, a interpretá-lo e reinterpretá-lo. [...] Ainda que o esqueçamos, o passado permanece sempre como um fator de inquietação. Com frequência, presentifica-se até mesmo contra nossa vontade [...]. O passado pode ainda permanecer como um fardo sobre nossos ombros, um fardo do qual gostaríamos de nos livrar. Mas é-nos impossível fazê-lo, porque o passado é um pedaço de nós próprios. Como não podemos viver sem o passado, este tem de estar, portanto, a serviço da vida. (RÜSEN, 2011, p. 259-260).

Trabalhar com o passado para que esteja a serviço do presente tem sido uma das grandes preocupações do CEOM/Unochapecó, que tem se voltado, no tocante ao patrimônio arqueológico, para a valorização dos sítios e dos materiais, para que deixem de ser considerados “velharia” e se transformem em patrimônio reconhecido pela população local, regional e nacional. O Centro também tem se dedicado à difusão dos resultados das pesquisas para a comunidade regional, a quem, em primeiro lugar, pertence o conhecimento produzido, e tem iniciado projetos de pesquisa de longa duração para trazer novos dados sobre a ocupação humana no período pré-colonial<sup>4</sup>.

## Notas

\* O artigo foi produzido a partir da comunicação apresentada em evento comemorativo aos 25 anos do CEOM, em novembro de 2011, e da comunicação no Simpósio Arqueologia, Patrimônio e Educação, realizado na VI Reunião de Teoria Arqueológica da América do Sul e III Jornada de Arqueologia do Cerrado, em setembro de 2012, ambas pela primeira autora.

\*\* É doutoranda em Arqueologia Brasileira, no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo; técnica em Arqueologia e responsável pelo Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM/Unochapecó). E-mail: <mirianc@unochapeco.edu.br>.

\*\*\* É mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, com graduação e especialização em História, e atua como técnico em pesquisa no Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM/Unochapecó). E-mail: <andreo@unochapeco.edu.br>.

\*\*\*\* É mestre em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria e atua como técnica do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM/Unochapecó), nas áreas de museologia, patrimônio cultural e ação educativa. E-mail: <deni@unochapeco.edu.br>.

<sup>1</sup> O patrimônio arqueológico brasileiro é considerado bem da União pela lei federal n. 3.924, de 1961. Sua proteção está em pauta desde o decreto lei n. 25, de 1937, bem como no artigo 216 da Constituição Federal de 1988. As pesquisas com base no patrimônio arqueológico foram reguladas com a portaria 07, de 1988; portaria 230, de 2002; entre outros.

<sup>2</sup> “O CEOM buscará recolher e expor material que, englobará, distintamente duas grandes fases da história geral da região: a Proto-História e a História do Oeste de Santa Catarina. O material referente a proto-história compreenderá utensílios e instrumentos de pedra lascada, de pedra polida, de madeira, de cerâmica, instrumentos de caça e pesca preservados de épocas anteriores ao atual [...]. O material referente a história será constituído pelos documentos escritos e objetos aptos a reconstruir a história do povoamento, da colonização e da exploração intensiva do solo pelos colonizadores europeus e seus descendentes.” (Jornal o Estado, 1º dez. 1983, p. 27).

<sup>3</sup> A denominação de universidade comunitária advém da sua natureza jurídica como entidade de direito privado, e da sua forma de gestão dos recursos que a caracterizam como utilidade pública municipal, estadual e federal, filantrópica, sem fins lucrativos, administrada pela própria comunidade e com os recursos reinvestidos na promoção e melhoria da educação que oferta.

<sup>4</sup> Um grande passo nesse sentido foi o convênio estabelecido entre CEOM/Unochapecó e o Instituto Nacional De Antropologia e Pensamento Latino-Americano, vinculado ao Ministério da Cultura da Argentina, do qual está em andamento o projeto “Arqueología del Bosque Atlántico Meridional Sudamericano”. Mais informações podem ser obtidas acessando o blog: <<http://arqueologiaterrassbajas.blogspot.com.ar/p/proyecto-2.html>>.

## Referências

CALDARELLI, Solange B.; LAVINA, Rodrigo. Da arqueologia acadêmica à arqueologia consultiva no oeste catarinense. In: CARBONERA, Mirian; SCHMITZ, Pedro Ignácio. **Antes do Oeste Catarinense: arqueologia dos povos indígenas**. Chapecó: Argos, 2011. p. 47-70.

CARBONERA, Mirian. **A tradição Tupiguarani no Alto Uruguai: estudando o Acervo Marilandi Goulart**. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

\_\_\_\_\_. **Agricultores ceramistas pré-coloniais no alto rio Uruguai**. [20--]. No prelo.

\_\_\_\_\_. As pesquisas arqueológicas entre o final do século XIX e o início do século XXI. In: \_\_\_\_\_; SCHMITZ, Pedro Ignacio. **Antes do Oeste Catarinense: arqueologia dos povos indígenas**. Chapecó: Argos, 2011. p. 17-46.

\_\_\_\_\_. Memória do Acervo Marilandi Goulart e a problemática das coleções advindas das pesquisas de contrato arqueológico. **Cadernos do CEOM**. Chapecó: Argos, n. 33, p. 115-133, 2010.

\_\_\_\_\_. Notas sobre a história das sociedades pré-coloniais do oeste catarinense. **Tempos Acadêmicos: Dossiê de Arqueologia Pré-Histórica**. Criciúma: Unesc, n. 11, p. 117-134, 2013.

\_\_\_\_\_. Patrimônio arqueológico no Oeste de Santa Catarina: do colecionismo ao científico. **Revista de Arqueologia**. São Paulo: Sociedade de Arqueologia Brasileira, v. 22, n. 1, p. 83-98, 2009.

CENTRO DE MEMÓRIA DO OESTE DE SANTA CATARINA. **Regimento interno**. 2012.

GOULART, Marilandi (Coord.). Introdução. In: \_\_\_\_\_. **Projeto Salvamento Arqueológico do Uruguai**. Itajaí: Univali, 1997. v. I.

HOELTZ, S. E.; BRÜGGEMANN, A. A. As indústrias líticas na área

da UHE Foz do Chapecó, oeste catarinense: antiguidade, estratégia tecnológica e variabilidade. In: CARBONERA, M.; SCHMITZ, P. Ignácio. **Antes do Oeste Catarinense: arqueologia dos povos indígenas**. Chapecó: Editora Argos, 2011. p.105-136.

Jornal O Estado, 1 de dezembro de 1983, p. 27.

PIAZZA, Walter. Dados Complementares à Arqueologia do Vale do Rio Uruguai. In: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. **Resultados preliminares do quarto ano, 1968-69**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1971. p. 71-86. (Publicações avulsas, 15).

\_\_\_\_\_. Notícia Arqueológica do Vale do Uruguai. In: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. **Resultados preliminares do segundo ano, 1966-67**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1969a. p. 55-70. (Publicações avulsas, 10).

ROHR, João Alfredo. Achados arqueológicos em Itapiranga. **Pesquisas, Antropologia**. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, n. 18, p. 49-65, 1968.

\_\_\_\_\_. Pesquisas arqueológicas em Santa Catarina, os sítios arqueológicos do município de Itapiranga. **Pesquisas, Antropologia**. Porto Alegre: Instituto Anchietao de Pesquisas, p. 21-60, n. 15, 1966.

RÜSEN, Jörn. Pode-se melhorar o ontem? Sobre a transformação do passado em história. In: SALOMON, Marlon. **História, verdade e tempo**. Chapecó: Argos, 2011. p. 259-290.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. Um paradeiro Guarani no Alto Uruguai. **Pesquisas, Antropologia**. Porto Alegre: Instituto Anchietao de Pesquisas, n. 1, p. 122-142, 1957.

Recebido em 11 de abril de 2013.  
Aprovado em 22 de maio de 2013.

## **Abstract**

Our article seeks to present to the international readership the possibilities and challenges encountered with the Memorial Center of Western Santa Catarina – CEOM/Unochapecó, particularly in terms of regional archaeological patrimony. Our address of these issues is divided into three parts: (1) the recounting of the regionally specific archaeological research which has been undertaken over the years; (2) the formation and role of CEOM and, (3) a discussion of the possibilities and challenges which hallmark archaeological patrimony in Western Santa Catarina – Brazil.

**Keywords:** CEOM/Unochapecó. Archaeological Patrimony. Western Santa Catarina.